

Ibsen não convence ^{Orçamento} ~~CPI~~

BRASÍLIA — O deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) não conseguiu explicar ontem as quatro principais denúncias que o levaram a ser convocado pela CPI da máfia do Orçamento: a movimentação bancária de US\$ 2,3 milhões nos últimos cinco anos; a origem de US\$ 127 mil pagos pela primeira parcela de compra de um apartamento em Porto Alegre; os depósitos do deputado Genebaldo Correia (PMDB-BA) em sua conta; e o arquivamento de uma outra CPI do Orçamento, requerida há dois anos, quando era presidente da Câmara. A maioria dos integrantes da CPI não se satisfaz com as versões apresentadas. O relator, Roberto Magalhães (PFL-PE), acha que Ibsen tem ainda "muitas contas a prestar à CPI".

— Houve controvérsias e um ou dois pontos ficaram sem resposta. No caso do apartamento, a explicação dada não foi aceita e passará pelo crivo das subcomissões — disse Magalhães.

O único dado adiantado por Ibsen sobre a auditoria encomendada à Trevisan e Associados foi o de que seu patrimônio inteiro não passa de US\$ 348 mil. Para evitar um possível confronto desfavorável com os dados levantados pela CPI, que apontam uma movimentação bancária de US\$ 2,3 milhões nos últimos cinco anos, o deputado resolveu requisitar todos os documentos da CPI, aos quais só poderia ter acesso após o depoimento. Ele vai consultar os auditores e somente no dia 10 de janeiro repassará o somatório final de sua movimentação bancária ao relator Roberto Magalhães. Na sua explicação preliminar, Ibsen Pinheiro contestou a afirmação do deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ) de que seus rendimentos não eram compatíveis com a sua movimentação bancária.

Disse que era um bom advogado, que vendeu imóveis e que, a partir de 1989, começou a liqui-

dar seu patrimônio e investiu em aplicações financeiras.

— Minha movimentação é inferior a US\$ 2 milhões. Tenho sinais exteriores de pobreza: os carros que utilizo são um Gálgie 79 e um Voyage 89. Entre os parlamentares não estou no piso, mas também não estou entre os mais ricos.

Roberto Magalhães insistiu muito na participação de Ibsen Pinheiro, como presidente da Câmara, no arquivamento de uma outra CPI do Orçamento, há dois anos. Tanto em sua inquirição inicial, como na final, Magalhães voltou ao assunto e ficou convencido de que, se tivesse havido um empenho maior dos presidentes da Câmara e do Senado, naquela época, o foco de corrupção localizado hoje na Comissão Mista de Orçamento poderia ter sido desfeito com dois anos de antecedência.

— Se aquela CPI não tivesse sido arquivada, hoje não precisaríamos estar aqui.

No caso da chamada "Operação Caminhonete", Magalhães acha que a explicação de Ibsen também não foi convincente, já que o deputado não apresentou nenhum documento que comprovasse a venda do veículo para o deputado Genebaldo Correia, nem a devolução dos US\$ 51 mil depositados em sua conta pelo companheiro, quando da dissolução do negócio.

— A versão só melhorou um pouco, já que agora pelo menos a caminhonete apareceu, ele apresentou documentos que comprovam a existência da caminhonete — disse Magalhães.

Depois do depoimento, Ibsen disse ter saído aliviado e convencido de ter prestado todas as informações buscadas pela CPI:

— Saí muito mais confortado. O dano político é irreparável, mas isso é secundário — disse Ibsen.

Na página 4, 'Colegas se dizem constrangidos e poupam Ibsen'



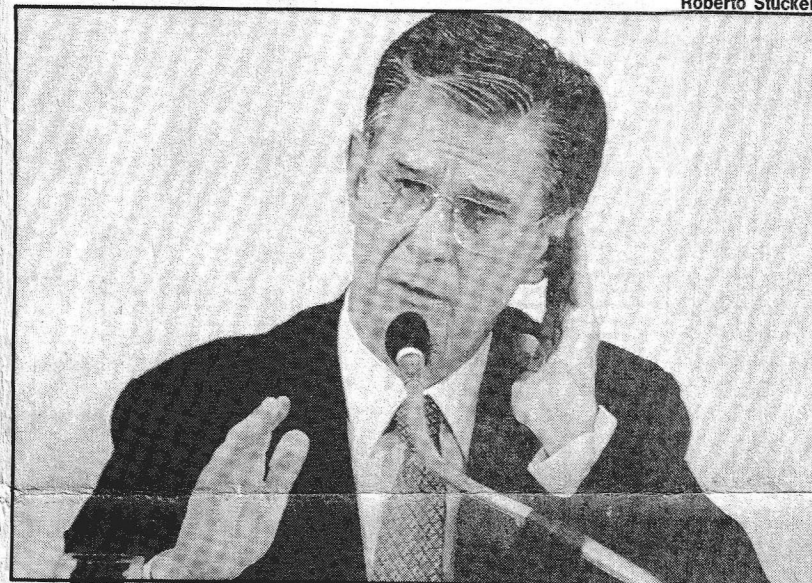
Gesticulando muito, o ex-presidente da Câmara Ibsen Pinheiro dá explicações pouco convincentes à CPI do Orçamento

“Rastreei minha conta, mas não vi o cheque dado ao Genebaldo”

Ibsen Pinheiro

“No caso do apartamento, a explicação não foi aceita”

Roberto Magalhães



Em alguns momentos do depoimento, o deputado procura mostrar sua calma

Fotos de Sérgio Marques

Roberto Stuckert